

expressa, por certo, a admiração do mundo à Medicina brasileira, merecedora de tão alta distinção pelo trabalho que os médicos brasileiros realizam em favor da dignidade humana, da valorização do ser, buscando o aperfeiçoamento físico, moral e cultural de toda a coletividade.

Já dissemos, certa vez, que o trabalho dos médicos, mais do que o de qualquer outro profissional, retrata a história do próprio homem, história que não tem a palavra "fim".

Vejamos, Sr. Presidente, Srs. Deputados:

"Há 5.000 anos, os egípcios atribuíam ao olho de Horus, curado pela intervenção de Toth, médico-deus, o poder mágico de defendê-lo dos demônios, da dor e da doença. Durante a Idade Média, tendo-se tal símbolo modificado na grafia, tornou-se semelhante ao número 4, o sinal de Júpiter, cuja benévola assistência os médicos e os alquimistas suplicavam, para terem bom êxito em seus trabalhos. Esse símbolo se transformou, por fim, na sigla "erre", o recipe, que ainda hoje o médico escreve no início de suas receitas. Um "erre", um elo ideal, que, em nome da luta contra a dor, a doença e a morte, ligu 50 séculos de história."

A história da Medicina é, assim, também a nossa história. Milhares de anos, densos de acontecimentos fascinantes, durante os quais a ciência médica se desenvolveu, enriquecendo-se de conhecimentos sempre mais precisos, de armas terapêuticas sempre mais eficazes e de métodos de pesquisa e de controle, que conduziram às conquistas verdadeiramente estonteantes de hoje.

Mas, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, nem sempre todos sabem avaliar convenientemente certos aspectos dessa história, como, por exemplo, o papel do ser humano, que também é médico e do qual se exige abnegação, bondade, tolerância, discrição, paciência, desprendimento pessoal, resolução pronta e decidida, brandura e escrúpulo de consciência... como se fora ele um *sermão*. E destaque-se, ainda, a sua luta, talvez a mais difícil de todas, contra a ignorância e a superstição, o charlatanismo e a fraude. *Mundus vult decipi ergo decipiatur*, ou traduzindo: "O mundo quer ser enganado. Enganemo-lo pois!" — Bandeira que, infelizmente, ainda se encontra em nossos dias, desfraldada e bem alta.

E os médicos entram nessa luta, que se trava para fazer triunfar o bom senso, a luz da razão, o raciocínio científico. É a classe médica atuando, participando, traçando rumos que deverão ser seguidos a fim de que haja desenvolvimento.

Além do mais, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, é sabido que os médicos, do Pará e do Brasil, atravessam um período crítico de muito desencantamento. É que as perspectivas para eles, estão na razão inversa do progresso espetacular da medicina, ou de sua própria abnegação pessoal, que acompanhamos de perto, através de nomes aureolados e, mesmo, quando ainda anônimos em nosso Estado e em todas as demais unidades da Federação.

Sabemos, por exemplo, que a Medicina brasileira vive em permanente período de definição, quando se procura resguardar ao médico os seus direitos, anulando-o até como pessoa física.

Pelo muito que devemos à classe médica de nosso Estado e do Brasil, pedimos que sejam estas palavras transcritas para os Anais do Congresso Nacional, a fim de que a homenagem do povo paraense a tão abnegados profissionais, seja patenteada através da memória de um povo.

Já dizia o filósofo: "O Altíssimo deu-lhes a ciência da medicina para ser honrado em suas maravilhas".

Era o que tínhamos a dizer.

O SR. PRESIDENTE (Wilson Gonçalves) — Concedo a palavra ao nobre Senador Luiz Viana.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA — BA. Pronúncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, no dia 15 último transcorreu o aniversário de A Tarde, o grande jornal fundado na Bahia por Simões Filho, cujo nome e cujas lutas serão sempre lembrados pelos

seus conterrâneos. O tempo e o próprio desaparecimento do insigne jornalista não fizeram, entretanto, que A Tarde deixasse de ser o vibrante vespertino, paladino dos interesses populares e das mais lídimas aspirações do povo baiano.

Orientado pelos sucessores de Simões Filho e tendo como Diretor o Prof. Jorge Calmon, mantém, na comunidade baiana, o mesmo alto nível que o fez merecedor do apoio e dos aplausos dos leitores, fiel às melhores tradições de cultura e civismo da imprensa da Bahia, toda ela certamente participante das congratulações com que aqui, no Congresso Nacional, consignamos data tão significativa nos fastos da imprensa brasileira.

O SR. PRESIDENTE (Wilson Gonçalves) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Ary Kffuri.

O SR. ARY KFFURI (ARENA — PR. Pronúncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, não é necessário especificar as dramáticas conseqüências oriundas do elevado número de acidentes do trânsito verificados nas grandes cidades do País. Todavia, acho imprescindível e premente a conjugação de esforços em prol de uma redução drástica da quantidade estarrecedora de vítimas que o fenômeno provoca na vida cotidiana da comunidade.

A imprensa vem noticiando, nos últimos dias, a elogável iniciativa levada a efeito pelo 1º Congresso de Trânsito Rodoviário, que teve lugar, recentemente, no Clube de Engenharia, no Rio de Janeiro, promovido pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem.

Como é notório, o tema sobre a "Educação do Trânsito" foi o que maior atenção mereceu naquele conclave de âmbito nacional.

Trata-se, sem sombra de dúvida, de assunto que sensibiliza profundamente a nossa opinião pública, pois visa a educar tanto motoristas como pedestres dentro de conceitos estabelecidos pela nova filosofia do Trânsito Nacional, em vias de ser implantada.

Ora, estamos entristecidos pelo descalabro produzido por uma tão elevada cifra de mortos, aleijados e órfãos. Acho indispensável a cooperação de todos, para que possamos sentir alívio e segurança diante de tantos incidentes causados diuturnamente nas estradas e vias públicas, adotando a força da nossa inteligência para atribuir prioridade na solução de problema que a todos nos causa aflição.

Sr. Presidente, Srs. Congressistas, semelhante fenômeno, que é de suma gravidade, poderá ser equacionado satisfatoriamente, e sem a mínima perda de tempo, mediante uma campanha de esclarecimento, abrangendo mensagens adequadas, cartazes de orientação ao público e, sobretudo, aulas ministradas em nossos estabelecimentos de ensino.

Aliás, é por isto que exprimo o meu regozijo ao saber que o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, em seu esforço educacional levado ao devido termo por intermédio da Campanha de Segurança nas Estradas, visa a reduzir efetivamente o infundável número de acidentes. A identificação dos públicos-alvos, a seleção das mensagens fundamentais e a indispensável criação das peças, integrantes da campanha de comunicação de massa, representam aspectos largamente abordados pelo conclave que encerrou seus frutíferos trabalhos.

Além disso, a idéia de levar projetos elaborados pelo DNER, ao conhecimento de crianças de 2 a 6 e de 7 a 14 anos idade, contribuirá sobremaneira para o seu preparo necessário, em aulas que transmitirão mensagens educativas através de atividades e situações vivenciadas, e não de disciplinas formais. Assim sendo, o comportamento rodoviário no País tende a sofrer uma metamorfose com resultados compensatórios e de agrado a todos.

A iniciativa em apreço merece aplausos, pois não se trata de uma campanha de cunho humanitário, mas um esforço comum visando a ajudar a própria economia nacional, uma vez que cada acidente automobilístico com vítimas custas ao Brasil Cr\$ 160.000,00.